

DUSKOLINO SETE BELEZAS OU DE COMO O CINEMA ENTROU NA VIDA DELE

Naquela primeira vez, Dusk ainda não era Dusk. Nem sequer se parecia a um cão. Um rato o definiria melhor. Vestia uma roupa semelhante àquelas do Super Homem. Hilário, no mínimo.

Não me senti imediatamente atraída por aqueles olhos pedintes de me adote. E nem era adoção. Oh, bichinho caro.

Quis sair, ir embora. Mas quem resiste ao apelo do filho, puxando-lhe a barra da roupa. Ah, mãe, leva ele, vai? Olha que bonitinho!

Assim, ele entrou em nossas vidas já traumatizado pela rejeição. Pior. Veio de carro de São Vicente até São Paulo sem sequer um drammin. Deve ter me odiado.

Quer vê-lo invocado? Leve-o a passear no carro. Ele detesta.

Pobrezinho. Uma certa vez, fomos até Santa Catarina. De raiva nem água ele quis beber na parada em Curitiba. Enfiou-se embaixo do banco do passageiro da frente. Lá ficou todos os 700 quilômetros da viagem. Na volta? Mesmo sufoco. Sem contar o dia em que ele fugiu da casa da praia na Daniela. Como era pra lá de inteligente, voltou exatamente para o mesmo lugar. Para nosso alívio.

São histórias e mais histórias.

E o dia em que pensávamos que ele saíra do prédio da Dé? Lá fomos eu e meu primo a subir e descer os 15 andares do prédio a chamá-lo. Sabem onde ele estava? Escondido embaixo da cama de forma a parecer invisível. Ah, vontade de esganá-lo!

O fato é que esse dachshund passou a chamar-se Dusk por indicação do meu filho mais velho. Crepúsculo. Esse era o Dusk. Bem, ele tinha tudo para ser chamado de Cofap. Ele era igualzinho ao sempre e várias vezes trocado protagonista daquela inesquecível publicidade. Como apelido? Claro, salsicha. Já viram um dachshund? É a essência da salsicha.

Um detalhe aqui necessário. Ao chegarmos a casa, o filho que o nomeou apaixonou-se por ele. Por telefone, havia dito que cachorro pequeno não entraria em casa. Mas ao vê-lo a paixão falou mais alto. Amores são assim, inexplicáveis. Assim é também o meu filho. Um tanto inexplicável para falar de amor. Ele ama. É pura ação comunicativa habermasiana.

Dusk não era chegado a humanidades. Nunca foi. Ele gostava de ser cachorro.

Na verdade, ele gostava daquelas partes da humanidade que lhe convinham. Dormir na cama conosco, subir à mesa para roubar os bocados das saborosas comidas. Agora, por roupa (como aquela em que estava), andar no carro. Ser amável? Não, não era de seu feitio. Ele era um cachorro. Morder? Todos os de casa, sempre os de casa, foram mordidos por ele. Dedão de pé era sua parte preferida. Mãos também. Quantas vezes fui ao trabalho de chinelo e com o dedão arreventado? As pessoas diziam, o cachorro é seu e te morde? Fosse meu eu já o teria doado! Ah, mas ele tinha personalidade. Se não concordava com algo, a forma de reagir era essa, morder.

O Dusk recebeu dez anos atrás uma companheira, Dhara, também dachshund, mas pretinha. Uma [graça. Com](#) ela, tiveram filhotes. Uma beleza e coisa e tal, mas foi preciso castrá-los antes que eu me transformasse em medusa. Esses dois pareciam coelhos. Não dava pra aguentar uma ninhada a cada seis meses. Meus filhos detestaram a ideia de ver os filhotes doados e os cães

castrados. Acho que nunca me perdoarão. Nem eu a mim mesma. Mas fazer o quê? Não sou dona de canil, não sei administrar isso. Dois cães já eram muita responsabilidade.

Ambos ficaram bem. E apenas amigos.

A Dhara é chegada a humanidades. Até demais.

O Dusk continuou a ser superior e mordendo a todos nós.

Uma única concessão incrível é ver a Isabella e o Dusk. Ela faz com ele o que bem quer e ele na dele. Nem rosna. Isabella é a minha neta. Tem quatro anos. E ama animais, cães preferencialmente. Dusk e Dhara preferencialmente. Acordo fechado.

E o cinema onde entra nessa história duskolina?

Pasqualino Sete Belezas é um filme de 1975, de Lina Wertmüller. Pasqualino é um personagem irresistível. Um sem caráter maravilhoso.

Vi esse filme no cinema ainda jovem e me apaixonei pelo ator Giancarlo Giannini e pelos filmes da Lina.



Esse ar irreverente de Pasqualino pairou sobre o Dusk. Ele não era mau caráter, mas tinha a mesma arrogância de Pasqualino. E o som italiano da pronúncia me fez pronunciar assim aquele cão que não queria saber de humanidades: Duskolino Sete Belezas. Não sei se as irmãs de Dusk eram sete como as de Pasqualino. Nem se não eram belas, mas assim o diziam, como as irmãs de Pasqualino. O fato é que em casa acho que nem sabiam de nada sobre a Lina ou o cinema italiano ou sobre o verdadeiro Pasqualino. Imitavam-me no apelido.

Quem gosta de repetir-me é a Isabella: oi, Duskolino Sete Belezas!

Falamos com aquele sotaque macarrônico italiano. Cadenciando as sílabas.

Assim, Dusk virou cinema.

Como ator cinematográfico ele entrou àquele patamar dos imortais. Tratado com deferência seu ar já superior excedeu todo e qualquer limite. Reinava absoluto sobre a Dhara e sobre todos nós.

Volta e meia ao puxarmos as cadeiras da mesa de jantar soltamos gargalhadas ao lembrarmos do dia em que ele, bem quietinho, roeu os pilares da mesa. Sorte que o alto dos pilares é que sofreu o desgaste canino. Má sorte teve o móvel da minha tia ou os pés da antiga cama de casal que virou o poste predileto de Duskolino.

Em que pese todos os cuidados de humanidades que ele recebeu de todos nós, o tempo foi inexorável com ele. Como é com todos nós.

Ele viu derrocadas, viu chegadas, partidas, riu e chorou muito comigo.

O tempo desgastou-o também psicologicamente. Como a mim.

Sorte eu ser como sou. A idade ainda me é leve. A dele, nada indelével.

Aos poucos estranhamos que ele batesse em tudo ao caminhar pela tão conhecida casa. Pronto e paf: a cegueira invadiu sua visão. Doía vê-lo perdido nas caminhadas. Acostumamo-nos. Al Pacino e Duskolino seguiam-nos pelo faro.

Por conta da cegueira, não podia ouvir o tilintar da ração em sua vasilha. Corria e batia-se muito, mas chegava a ela como se fosse comer pela última vez.

Os males da idade foram ainda mais cruéis ao lhe trazerem dois tumores no baço. Impossível cirurgia por conta da idade. Afinal, um cão com 17 anos está beirando os 84. E daí, não está ainda em luta o bravo arquiteto do alto de seus 104? Com dificuldades, claro, mas lá está.

O Dusk abateu-se muito no último ano. Seus caninos comprometidos provocaram infecção. Ele não deixa ninguém limpar seus dentes. Com a focinheira a tarefa fica impossível. Só com anestesia. Mas se pode perdê-lo ali mesmo na anestesia.

Já abatido, não quis comer. Mal. Isso é mal.

Veterinário.

Diagnóstico: há que interná-lo. Os rins estão parando. A infecção bucal acelerou. Dois dias com soro, medicação e mais e mais invasões de humanidades. Logo ele, que as detesta. Dois dias para que melhore um pouco e seja possível operá-lo sem riscos.

Eutanásia?

Falei fácil. Rápido demais. Agir? Difícil. Vamos até o fim: soro, mais remédios, mais isso e aquilo.

E lá está ele na clínica. Ele que jamais saiu de casa sozinho. Lá está ele. A seu lado vários outros animais. Um picou-lhe uma jararaca. Outro comeu um saruê já morto.

É hora de visita, vejam só. Diz-me o veterinário que ele se anima quando estou lá. Falo com o Dusk. Conto-lhe das coisas de casa, dou-lhe notícias da Dhara. Digo que logo ele estará de volta. Nem eu mesma acredito no que falo. Ele não me vê, mas percebe-me o cheiro, a voz. Tenta com esforço ficar em pé. As patas inchadas. Dou-lhe água com as palmas da mão. Controlo-me. Não quero chorar à frente dele. Logo ele, tão cachorro.

Pergunto-me: o que será que ele me diz com o rosto tão abatido?

Meu filho diz que ele pede para ir embora, já cuidou demais de todos nós.

E eu? Eu não encontro coragem frente àquela figura frágil.

Fosse um gato aquela seria apenas mais uma de suas vidas.

De repente, animo-me. Ele também, ele também. São sete belezas. Apenas uma lhe foi abatida.

Regozijo-me: Duskolino Sete Belezas.